

Luciane Carrasco Neves

**Turismo Educativo na Cidade de São Paulo como
Ferramenta de Ensino e Aprendizagem**

**Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São
Paulo, 2010**

Luciane Carrasco Neves

**Turismo Educativo na Cidade de São Paulo como
Ferramenta de Ensino e Aprendizagem**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à
Coordenação do Curso de Pós-Graduação Lato Senso
na Modalidade Formação de Professores para o Ensino
Superior, como parte dos requisitos para obtenção do
título de Pós Graduada.

Orientadora: Prof^a. Dra. Fátima Delphino

**Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São
Paulo, 2010**

BANCA EXAMINADORA

Presidente e Orientadora: Prof^ª. Dra. Fátima Delphino

1º Examinador Prof. Dr. Diamantino Fernandes Trindade

2º Examinador Prof. Ms. Glauber Eduardo de Oliveira Santos

São Paulo, 20 de abril de 2010.

Dedicatória

Dedico esse trabalho a meu pai, que ao saber que eu tinha conseguido minha vaga nesse curso de Pós Graduação, mesmo estando muito desanimado com o triste momento que estava vivendo, demonstrou alegria e orgulho de mim. Foi a última vez que vi meu pai feliz e orgulhoso com alguma conquista minha.

Tenho certeza que mesmo distante, ele me mandou muitas energias positivas para que eu concluísse o curso. O início do mesmo ocorreu dias após seu falecimento o que para mim foi muito difícil. Por pouco não desisti, mas surgiu uma força que afirmava o tempo todo que era o momento de eu não parar, e provar a mim mesma que diante do que tinha acabado de acontecer, eu precisava continuar normalmente com minha vida e seguir com meus objetivos e sonhos. Foi um momento de decisão que não era apenas decidir por continuar um curso, mas por continuar normalmente minha vida, que estava muito abalada com tudo que havia acontecido.

Acredito que essa força que me ajudou a seguir veio do meu pai, de onde quer que ele esteja. Só nós dois sabemos o quanto foi difícil seguir. Mas valeu, estamos aqui na nossa etapa final de conclusão do curso e só tenho a agradecer a ele e a mim mesma por não desistir e seguir adiante.

Agradecimentos

Agradeço a minha família que sempre me apoio e me incentivou a nunca parar de estudar.

A todos os meus professores pelos conhecimentos construídos no decorrer de nosso curso, em especial à minha orientadora, Prof^a Fátima Delphino.

À Instituição por ter me acolhido tantas vezes, e acredito que nossa trajetória de parceria ainda não terminou.

Neves, L. C. (2009). **Turismo Educativo na Cidade de São Paulo como Ferramenta de Ensino e Aprendizagem**. Trabalho de Conclusão de Curso. Curso de Pós-Graduação Lato Sensu na Modalidade Formação de Professores para o Ensino Superior. Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo

RESUMO

O presente trabalho tem como objeto de estudo mostrar como o Turismo Educativo ou Pedagógico, pertencente à segmentação Turismo Cultural, pode ser uma ferramenta de ensino e aprendizagem não formal e interdisciplinar, levando-se em consideração a prática dessa atividade apenas pelos próprios moradores da cidade, através de roteiros educativos, podendo ser utilizados em todos os níveis de educação formal, ou seja, do ensino básico ao superior, de maneira a complementá-los, e em todos os momentos de nossa vida, desde a infância até a velhice. Como parte de um estudo de caso, foram apresentadas e analisadas informações do projeto de educação não formal “Lugares de se Aprender: A Escola sai da Escola” que faz parte de um Programa da Secretaria Estadual da Educação conhecido como Cultura é Currículo. Pretendeu-se assim mostrar a relação e importância do Turismo aliado à Educação e motivar reflexões e novas ações por parte de professores e educadores, para que essa prática seja cada vez mais utilizada, além de abrir portas para a continuação de estudos e pesquisas referentes ao tema.

Palavras chaves: Turismo Educativo ou Pedagógico, Interdisciplinaridade, Educação Formal, Educação Não Formal, Projeto Lugares de se Aprender: A escola sai da Escola (Secretaria Estadual de Educação de São Paulo).

Neves, L. C. (2009). **Tourism Education in São Paulo City like tool of Teaching and Learning**. Worksheet Conclusion of Course. Course Postgraduation Mode Sense in Teacher Education for Higher Education. Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo.

ABSTRACT

The present work has as object of study introduce the Tourism Education or Educational, owned by the segmentation of Cultural Tourism as a tool for teaching and non-formal learning and interdisciplinary research, taking into consideration the practice of this activity only by the residents of the city, through educational tours and can be used at all levels of formal education, from primary to higher, so as to complement them, and every moment of our life from childhood to old age. As part of a case study were presented and analyzed informations of the project for non-formal “Places of Learning: The school leaves the school” as part of a program of the State Department of Education Culture is known as Curriculum. The aim was to show the relationship and importance of Tourism together with the Education and motivate new ideas and actions on the part of teachers and educators, so that this practice is increasingly used, and open doors for further study and research about the theme.

Important Words: Tourism Education or Educational, Interdisciplinary, Formal Education, Non-Formal Education, Project Places of Learning: The school leaves de school (State Department of Education of the São Paulo city).

Sumário

Cap. 1 - Introdução.....	1
1.1 - Objetivos.....	4
1.2 - Perguntas de Pesquisa	6
Cap. 2 - Método.....	7
Cap. 3 - O que é Turismo Educativo.....	8
3.1 - Turismo Educativo e Freinet	13
3.2 - Turismo Educativo como Ferramenta de Ensino e Aprendizagem Interdisciplinar	16
3.2.1 - <i>Do Ensino Básico ao Superior, inclusive na Formação de Professores</i>	18
3.3 - Políticas que vão ao encontro da utilização do Turismo Educativo.....	20
3.3.1 – <i>PCN e Turismo Educativo</i>	23
3.3.2 - <i>A educação que buscamos ou educação do futuro: Idéia de Construtivismo</i>	28
3.4 – Educação Formal e Educação Não Formal.....	30
3.4.1- <i>Turismo Educativo como ferramenta de Educação Não Formal aliada a Educação Formal</i>	34
3.4.2 - <i>Turismo Educativo na Educação Formal - Projeto Lugares de se Aprender: A escola sai da escola</i>	37
3.4.3 – <i>Exemplo de Aplicabilidade</i>	45
Considerações Finais.....	48
Referências	51
Anexos.....	55

Cap. 1 - Introdução

a educação requer seus espaços. Espaços para perceber, apreciar e valorizar a diversidade na natureza ou na sociedade, adotando posturas de respeito aos variados aspectos e formas de patrimônio natural, étnico e cultural. O espaço da educação é o espaço da criação. (Mello Filho *apud* PECCATIELLO, 2009, p.6)

O atual modelo educacional formal, em todos os níveis, desde o básico até o superior inclusive na formação de professores (Licenciaturas), infelizmente ainda se restringe a uma sala de aula em que o conhecimento está centralizado no professor e este tem como principal função transmitir conteúdo ao seu aluno de maneira segmentada (cartesiana), ou seja, dividida em áreas, como Matemática, Geografia, Física, as ditas disciplinas, sendo o aluno um sujeito passivo e a sala de aula o único ambiente utilizado. Estudiosos da área de educação mostram que esse modelo está cada vez mais ultrapassado e que há urgência em mudanças no modo de ensinar e nas ferramentas utilizadas na construção desse conhecimento. Dessa forma, necessita-se empreender esforços para um melhor entendimento a fim de que os conhecimentos sejam desenvolvidos e construídos a partir de metodologias bem elaboradas e integrando a parte teórica com a prática vivenciada no ambiente, de maneira dinâmica e participativa, gerando novos conhecimentos e novos questionamentos. Além disso, hoje se sabe da necessidade em se relacionar as diferentes áreas do saber numa espécie de teia, que nunca deveria ser desfeita, em que tudo está relacionado e o conhecimento precisa ser construído, fazendo sentido e estando presente no nosso dia a dia.

Assim, o presente trabalho propõe a utilização do Turismo Educativo como ferramenta de ensino e aprendizagem não formal como complemento da formal, de maneira a unir as diferentes áreas do conhecimento de modo interdisciplinar, utilizando-se ainda de ambientes educativos que não apenas a sala de aula, ocorrendo então uma articulação entre a educação dita formal e a não formal. Ferramentas de ensino e aprendizagem que vão ao encontro dessa idéia e a necessidade presente na nossa atual sociedade justificam a importância desse trabalho que parte da idéia de que o Turismo Educativo praticado dentro de nossa cidade pode suprir parte dessa lacuna, pois ele é um instrumento capaz de dinamizar as práticas pedagógicas através da vivência que proporciona. Conforme Paulo Freire¹ “a educação nada mais é do que uma Teoria do Conhecimento posta em prática”, ou seja, para que exista de fato a educação ela deve ser colocada em prática, sendo que as atividades de Turismo Educativo podem ser um grande aliado nessa tarefa. Assim, ainda seguindo a linha de raciocínio de Freire, deve-se entender que o conhecimento surge da ação na qual os indivíduos aprendem e constroem, agindo no mundo através do diálogo. Apropriando-se das atividades extraclasse que são desenvolvidas a partir de uma visita a algum local da cidade, o ensino aprendizagem se concretiza, ultrapassando os limites da sala de aula e provocando a assimilação de conhecimentos capazes de preparar os educandos para além de dos próprios conteúdos curriculares teóricos vistos em sala, assimilando outros conhecimentos necessários para a vida em sociedade, como o exercício da cidadania, conhecendo parte de seus direitos e deveres.

¹ *Apud* ANDRÉ; ALEXANDRE, 2009, p.5

Conhecer a cidade em que vivemos, através de um roteiro educativo, estruturado e com objetivos educacionais, pode suprir parte da necessidade, apresentada por atuais estudiosos educacionais que defendem uma educação em que o conhecimento deve ser construído através de vivências, fazer sentido, ser ao mesmo tempo agradável e interessante e unir os diferentes saberes, diferente do modelo tradicional. Além de proporcionar um aprendizado concreto de aspectos fundamentais a nossa formação de seres humanos como, por exemplo, conceitos de cidadania, ética, respeito, cuidados com o meio ambiente, enxergar e respeitar o outro, além de conhecer o local para em seguida partir para o global (idéia de partir do micro para o macro).

Temos ainda como aspecto positivo da atividade que deve ser citado, o fato de que com as visitas de Turismo Educativo em pontos da cidade de São Paulo, pode-se ocupar e incentivar a ocupação de muitos espaços culturais e educativos de nossa cidade como museus e parques, por exemplo, que ficam muitas vezes vazios durante a semana, somente tendo público, e mesmo assim com número muito abaixo de sua capacidade de atendimento, aos finais de semana e feriados.

1.1 - Objetivos

Objetivo Geral:

Apresentar a importância da utilização do Turismo Educativo como Ferramenta de Ensino e Aprendizagem Interdisciplinar de Educação Não Formal como aliada e complemento da Formal, abrangendo desde a Educação Básica até a Superior e em todas as idades, através da prática e vivência em Roteiros Educativos dentro da Cidade de São Paulo.

Objetivos Específicos:

- Mostrar conceitos de Turismo Educativo;
- Relacionar a prática do Turismo Educativo à Interdisciplinaridade;
- Diferenciar a Educação Formal da Não Formal;
- Apresentar o Turismo Educativo como Ferramenta de Ensino e Aprendizagem eficaz na prática da Educação Não Formal aliada à Formal;

- Demonstrar a importância do aumento na demanda pela utilização do Turismo como ferramenta necessária a uma Educação do Futuro;
- Apresentar informações do Projeto Lugares de se Aprender: A Escola sai da Escola;
- Exemplificar alguns espaços Educativos na Cidade de São Paulo;
- Mostrar a importância da utilização do Turismo Educativo em todos os níveis de formação.

1.2 - Perguntas de Pesquisa

De maneira geral há que se pensar que o processo de Educação Formal está mudando a cada dia, diante das atuais necessidades em que é fundamental a compreensão da totalidade e de que nossas relações e vida são complexas, sendo que tudo está relacionado a uma grande teia. Assim a educação fragmentada deve evitada e se faz necessária a busca de ferramentas de Ensino e Aprendizagem que favoreçam essa educação que precisamos. Que ferramenta pode ser essa? Como unir as diferentes áreas que sempre foram estudadas de maneira separada a fim de mostrar o quanto elas estão relacionadas? Como estudar e compreender tudo isso de forma prazerosa e que proporcione ao estudante vivenciar e construir seu próprio conhecimento? Pensando nisso tudo algumas questões se fazem necessárias, a fim de refletirmos com o auxílio do presente trabalho:

- Como o Turismo pode auxiliar no processo de ensino e aprendizagem interdisciplinar?
- O Turismo pode ser utilizado como ferramenta de ensino e aprendizagem na Educação Formal? E na Não Formal?
- Existem Projetos na cidade de São Paulo que se utiliza de visitas a espaços da cidade como Ferramenta de Educação?

Cap. 2 - Método

Para realização do trabalho, num primeiro momento, foi feita uma pesquisa bibliográfica a fim de buscar e conhecer referencial teórico sobre o tema estudado, ou seja, Turismo Educativo ou Pedagógico, assim como informações dos temas correlacionados como, por exemplo, Interdisciplinaridade, Ferramentas de Ensino e Aprendizagem, Educação Formal e Educação Não Formal.

Foram pesquisados e analisados informações e dados qualitativos referentes ao projeto escolhido e apresentado como exemplo de prática semelhante ao que esse trabalho pretende defender, ou seja, o Turismo como ferramenta de ensino e aprendizagem não formal aliado a educação formal. O Projeto escolhido foi Lugares de se Aprender: A Escola sai da Escola do Programa de Educação Cultura é Currículo, da Secretaria de Educação do Estado de São Paulo.

Cap. 3 - O que é Turismo Educativo

Nos primórdios da prática Turística, século XVIII, era comum o *Grand Tour* europeu, em que os aristocratas, seus filhos, e mais tarde a burguesia viajavam, principalmente, para contemplar e estudar monumentos, ruínas e obras de arte dos antigos gregos e romanos. Assim muitas das primeiras práticas turísticas surgem com objetivos educacionais.

Nos séculos XVIII e XIX as famílias nobres enviavam seus filhos para estudarem nos grandes centros culturais da Europa, acompanhados de seus competentes e ilustres receptores. O *grand tour*, sob o imponente e respeitável rótulo de viagens de estudos. (José Vicente de Andrade *apud* RAYKILL, 2009, p.4)

O Turismo é uma atividade muito complexa e ampla que compreende diferentes áreas e objetivos, sendo necessária sua separação em segmentos. O Turismo Educativo, também conhecido com outros termos como Pedagógico, Educacional, Estudo do Meio ou em alguns casos até Visita Técnica, de acordo com o Ministério do Turismo, faz parte da segmentação Turismo Cultural, e tem como principal objetivo transformar o conhecimento teórico adquirido em sala de aula em vivências práticas através de roteiros estruturados. Segundo o Ministério do Turismo, a segmentação Turismo Cultural refere-se:

às atividades turísticas relacionadas à vivência do conjunto de elementos significativos do patrimônio histórico e cultural e dos eventos culturais, valorizando e promovendo os bens materiais e imateriais da cultura. (BRASIL, 2008, p.16)

Ainda segundo o Ministério do Turismo:

a definição de Turismo Cultural está relacionada à motivação do turista, especificamente a de vivenciar o patrimônio histórico e cultural e determinados eventos culturais, de modo a experimentá-los e preservar a sua integridade. Vivenciar implica, essencialmente, duas formas de relação do turista com a cultura ou algum aspecto cultural: a primeira refere-se ao conhecimento, aqui entendido como a busca em aprender e entender o objeto da visita; a segunda corresponde a experiências participativas, contemplativas e de entretenimento, que ocorrem em função do objeto de visita. (BRASIL, 2008, p.17)

Na definição acima do Ministério do Turismo, percebe-se que a vivência e motivação, aspectos fundamentais na prática do Turismo Cultural, possuem duas formas de relação, sendo que a primeira busca aprender e entender o que está visitando e conhecendo através da prática. Idéia esta totalmente relacionada ao conceito de Turismo Educacional.

O Turismo Educativo, atividade cada vez mais utilizada nos dias de hoje por instituições de ensino privado no Brasil, é composto basicamente por viagens ou passeios de estudo do meio, em que o objetivo principal é transportar o conhecimento teórico, assimilado em sala de aula, para a realidade concreta, oferecendo momentos de descontração e sociabilização.

desde que se pretenda de fato desenvolver plenamente a personalidade do educando, o estudo do meio passará a se constituir como uma atividade de excepcional importância na vida da escola. (Balzan apud CUNHA, 2002, p.2).

Ao se pensar e estudar o Turismo, é verificado que segundo muitos dos autores e pesquisadores da área, em suas definições, o consideram como atividade em que é preciso se deslocar da sua cidade ou estado de residência por mais de 24 horas. No entanto, o universo dos viajantes é determinado por qualquer indivíduo que se desloca do seu local de origem para um determinado destino, cujo deslocamento deve

ser temporário, não necessariamente superior a um dia. Conforme a OMT (Organização Mundial do Turismo), esse universo encontra-se dividido na categoria de turista, quando o mesmo pernoita na localidade e excursionista quando o indivíduo retorna sem pernoitar no local visitado.

Assim, o trabalho se apóia, para sustentar as reflexões que serão expostas, naqueles que consideram como atividade turística roteiros em que não é necessária uma prevalência igual ou superior a 24 horas nem se deslocar da sua cidade ou estado. O Turismo Educativo que se busca estudar aqui é aquele praticado na própria cidade de São Paulo, que além de possuir um viés totalmente educativo pretende apresentar a cidade aos seus próprios moradores.

Turismo Educacional é a retomada da antiga prática amplamente utilizada na Europa e principalmente nos Estados Unidos por colégios e Universidades particulares, e também adotado no Brasil por algumas escolas de elite, que consiste na organização de viagens culturais mediante o acompanhamento de professores especializados da própria instituição de ensino com programa de aulas e visitas a pontos históricos ou de interesse para o desenvolvimento educacional dos estudantes. (BENI, 2003, p.432)

Apresentando outra definição,

o turismo pedagógico consiste em tudo aquilo que está fora do que é definido no ambiente escolar, é utilizado para aprimorar o aprendizado de sala de aula, não ficando preso às exigências formais, ultrapassando os limites escolares. (Prado *apud* ANDRÉ; ALEXANDRE, 2009, p.7)

É importante destacar que o turismo educativo, diferentemente das demais segmentações do turismo, é primordialmente uma atividade realizada fora do tempo livre.

ao contrário das atividades convencionais de Turismo, o Pedagógico tende a ocorrer no período letivo, e não nas férias. Isso confere à atividade uma característica bastante

peculiar, que pode ser chamada de sazonalidade invertida.
(Spínola da Hora *apud* ANDRÉ; ALEXANDRE, 2009, p.13)

A prática desse tipo de turismo requer alguns cuidados e preparo prévio. O pensar em antes, depois e durante a realização e participação em determinado roteiro é fundamental. Assim, ao se propor realizar um roteiro educativo, a preparação deste antes é fundamental para que os objetivos propostos sejam alcançados. No caso da Educação Formal, aquela estruturada e praticada, sobretudo, em sala de aula e que será analisada com mais detalhes no decorrer desse trabalho, essa preparação nada mais é que uma conversa prévia com os alunos apresentando através de figuras, fotos ou vídeos, o local em que visitarão e o que poderão encontrar lá, os motivando, criando expectativas e curiosidades que são importantes nesse primeiro momento para sucesso da atividade, no que compreende a construção do conhecimento. Aprende-se com facilidade o que se quer e o que desperta curiosidade.

Durante a realização do roteiro, o professor, nada mais deve ser que um mediador e facilitador entre o educando e o ambiente a fim de motivar, incentivar, problematizar e auxiliar na relação que este deve fazer com o que viu ou já estudou em sala de aula, por exemplo, e com que está se deparando, construindo um conhecimento que possui praticidade e veracidade.

Da mesma forma, pensar na pós realização da visita também se faz necessário, pois é nesse momento em que o conhecimento pode ser consolidado, através da busca pelo o que se pôde estudar no local visitado, fazendo com que despertem nos educandos as lembranças. A troca de experiências e os sentimentos também precisam ser trabalhados e apresentados pelos alunos, sendo que nesse momento pode existir uma

troca e conjunta reconstrução do conhecimento por parte deles mesmos, ao ouvir o que outro tem a falar, completar ou refletir sobre.

É fundamental a reflexão de professores e educadores, para que possam ser capazes de ver o potencial de um simples roteiro em nossa cidade no que confere a construção de conhecimento em sua totalidade. É importante destacar o quanto nossa cidade pode ser explorada, e a infinidade de possibilidade que ela oferece àqueles que buscam conhecê-la cada vez mais. A aliança entre turismo e educação torna-se de grande valia uma vez que ambos têm suas realizações centradas no ser humano.

3.1 - Turismo Educativo e Freinet

Celéstin Freinet, pedagogo francês, foi um dos primeiros educadores a defender a ampliação dos olhares das crianças para fora do espaço escolar. Ele sugeriu o que chamou de aula-passeio, em que o aluno era considerado o centro da construção de seu conhecimento. A aula passeio consistia em atividades extraclasse, organizadas coletivamente pelos alunos, onde o essencial era valorizar algumas das necessidades vitais do ser humano, como: criar, se expressar, se comunicar, viver em grupo, ter sucesso, agir, descobrir e se organizar, tornando-os cidadãos autônomos e cooperativos. Suas idéias foram consideradas revolucionárias num momento em que o ensino estava sob a égide da escolástica², sendo que seus trabalhos foram desenvolvidos na França, num período compreendido entre 1920 e 1966, ano em que faleceu.

Eram pressupostos pedagógicos de Freinet: privilegiar aqueles que destacavam a formação da autonomia, a aprendizagem significativa, o envolvimento na aprendizagem de forma prazerosa e a busca do conhecimento e do lazer que libertavam da alienação. Dessa forma, muito parecido com o Turismo Educativo de hoje, que este trabalho defende, as aulas passeio possuíam em si três níveis bastante úteis ao processo educativo. Eram eles: a fase anterior à viagem, na qual era despertada a curiosidade pelos locais que seriam visitados; a viagem em si, que permitia a integração com grupos locais, para um conhecimento

² Linha dentro da filosofia medieval (começo do século IX até final do século XVI), de acentos cristãos, surgida da necessidade de responder às exigências da fé, ensinada pela Igreja, considerada então como a guardiã dos valores espirituais e morais de toda a Cristandade.

mais detalhado sobre as suas peculiaridades; e, a fase posterior, a qual dava a oportunidade de estímulo à continuidade do intercâmbio entre os participantes e membros do local visitado, bem como a montagem de exposições de fotos e trabalhos a respeito dos temas de maior interesse.

Para ilustrar um pouco sobre o pensamento de Freinet, abaixo será apresentado um trecho de seu livro *Les dits de Mathieu*, traduzido como “Pedagogia do bom-senso”, do ano de 1973, em que são tratados alguns fundamentos da educação, inspirados pelo educador na experiência dos homens simples, das crianças e dos animais, numa busca visível de sinalizar sua prática de professor.

Eram cinco pequeninos a subir para o Albergue, com uma bela maçã na mão para acabar a merenda. E sabemos como as crianças gostam da merenda e de maçãs. Mas eis que, na beira do caminho, um lindo musgo, brilhando como verniz prateado, atapetava a pedra úmida. As crianças ajoelham-se como diante do presépio de Natal e, delicadamente arrancam, cada uma, o seu pedaço daquele tesouro que levam nas mãos frágeis.

— *Guardamo-lo no lenço...*

— *Vou pô-lo na janela, junto da minha boneca, com borboletas em cima...*

— *Eu ponho-o na mesinha de cabeceira e depois nascem flores...*

E esqueceram-se da maçã. Sobem pelo caminho pedregoso, extasiadas, arrebatadas, transportadas pela beleza, acima dos vãos cuidados do dia, felizes como deuses, porque levam um tesouro: o reflexo delicado e frágil do musgo prateado, como um pássaro azul que, durante um instante, houvessem agarrado...

Já notamos o grande lugar que ocupam as cores, os sons e os sonhos na linguagem e nos escritos das crianças? Tudo é luminoso, aéreo, livre e fresco como a água que corre. E nós apressamo-nos a fazer uma barragem, a extinguir luz, a ofuscar o esplendor das paisagens, a baixar obstinadamente, para as pedras e a lama, os olhos que teimavam em contemplar o espaço e o azul. E é para a matéria, para o objeto a examinar ou a manejar, para o papel de escrita, o

lápiz a empunhar, a construção a montar, é para o prosaico, prático talvez, que orientamos as nossas crianças, ocultando-lhes para sempre o ideal e a beleza.

Hão de dizer-nos que não temos de formar sonhadores, mas homens práticos, capazes, muito cedo, de cavar a terra ou atarraxar uma cavilha; mas sabemos também que temos ainda mais necessidade de homens que saibam esquecer-se, à beira do caminho da vida, da maçã que tinham na mão, para partir como pesquisadores desinteressados ao assalto do ideal.

Tenha cuidado em não desperdiçar, na criança, os bens inestimáveis cujo valor nunca mais conhecerá. (Freinet apud VINHA, 2005, p.5)

Muito semelhante à aula passeio de Freinet, a estruturação do Turismo Educativo deve estar vinculado ao currículo escolar, isto é, deve estar orientado para atingir objetivos presentes no Projeto Pedagógico da Escola. No entanto, a diversão, o entretenimento e o prazer, ícones das atividades ligadas ao Turismo, devem estar presentes, de forma a existir uma intersecção das atividades pedagógicas voltadas ao desenvolvimento dos aspectos cognitivos, afetivos e sociais dos alunos com as atividades lúdicas e de entretenimento, próprias dos passeios e das viagens, presentes no espaço do Turismo. Seguindo a mesma linha de raciocínio, Da Hora define o Turismo Educativo como nada mais sendo que:

Uma conversão do olhar do residente para um olhar de turista, no sentido do deleite e da valorização do local, e de posterior reconversão que crie limites entre o fantástico e o real, possibilitando uma postura dialética diante do contexto e do ambiente visitado. (Da Hora apud VINHA, 2005, p.8)

3.2 - Turismo Educativo como Ferramenta de Ensino e Aprendizagem Interdisciplinar

A idéia de Interdisciplinaridade vem da busca por uma relação conjunta dos diferentes saberes e ciências, as exatas, humanas e biológicas, de modo a construir um conhecimento único e completo, sem se pensar na separação ou fragmentação dessas áreas. Em seus estudos, Piaget deu o nome de estruturas subjacentes essa integração entre os saberes que deve buscar compreender, prever e transformar a realidade.

O conceito de interdisciplinaridade fica mais claro quando se considera o fato trivial de que todo conhecimento mantém um diálogo permanente com outros conhecimentos, que pode ser de questionamento, de confirmação, de complementação, de negação, de ampliação ou de iluminação de aspectos não distinguidos. Há que se entender que a ciência é única e inteira, e que se em algum momento da história se fez necessário e se buscou uma fragmentação, foi um equívoco que precisa ser contornado a tempo. O Turismo Educativo pode auxiliar nessa busca por uma construção do conhecimento na sua totalidade, no momento em que usa o ambiente como recurso didático.

O conhecimento interdisciplinar não se restringe à sala de aula, mas ultrapassa os limites do saber escolar e se fortalece na medida em que ganha a amplitude da vida social. (Fazenda *apud* PECCATIELLO, 2009, p.6)

A educação e o turismo relacionam-se num diálogo permanente e tem como base a interdisciplinaridade como processo de participação dos educadores integrando as disciplinas curriculares objetivando um conhecimento global, a fim de despertar nos alunos a construção de

competências, articulando o conhecimento adquirido na escola com a prática social.

Através do turismo educativo verifica-se o quanto são ampliados os conhecimentos dos alunos, sendo que a interação do processo ensino aprendizagem concretiza-se diante de uma atividade prática extracurricular e interdisciplinar, complementando e reforçando os conteúdos teóricos.

Sendo o turismo uma estratégia de ensino-aprendizagem que utiliza o ambiente como material didático, ele tem a capacidade de promover a abordagem de conteúdos de diversificadas disciplinas simultaneamente. Esta característica compreende também a interação entre ciência e ser humano, confluindo para a formação de pessoas mais críticas, com condições para, ao invés de reproduzir, produzir conhecimento e, por conseguinte, capazes de desenvolver a ciência e não, simplesmente, absorvê-la.

Para finalizar o item, abaixo seguem duas frases³ de efeito com o objetivo de refletir sobre a prática e busca da interdisciplinaridade no ensino.

“A excessiva disciplinarização do saber científico faz do cientista um ignorante especializado”. Boaventura Souza Santos

“Criou um pássaro, deu-lhe asas potentes, mas que só alça vôo no campo restrito da sua especialidade – tranco-o em uma gaiola”.

Diamantino Fernandes Trindade

³ As frases foram retiradas do artigo *Interdisciplinaridade: um novo olhar sobre as ciências*, Prof. Dr. Diamantino Fernandes Trindade.

3.2.1 - Do Ensino Básico ao Superior, inclusive na Formação de Professores

Utilizar o Turismo Educativo como ferramenta de ensino e aprendizagem não formal aliado a uma educação formal e de maneira que relacione as diferentes disciplinas, buscando a interdisciplinaridade, pode ocorrer em todos os momentos da educação seja ela do ensino básico ao superior, até na formação de professores, as ditas licenciaturas. É preciso saber que ela é uma importante ferramenta de ensino porque o conhecimento é colocado em prática através da experiência vivida. Cada pessoa constrói seu próprio conhecimento, através das informações que façam sentido para a sua vida assim como por suas experiências de vida, sendo que o melhor estímulo para o cérebro é a curiosidade, e que esta está presente na preparação da utilização de um passeio do Turismo Educativo no momento anterior a visita, quando o professor instiga seus alunos previamente em sala de aula. É importante destacar ainda que a vivência é fundamental para reter conhecimento. Segundo estudo realizado por Begley em 1994, o ser humano consegue reter 10% do que ele vê, 20% do que ele ouve, 50% do que ele ouve e vê, e 80% do que ele simultaneamente ouve, vê e faz.

O futuro professor deve ter contato, desde sua formação, com ferramentas que busquem a articulação das disciplinas, além de ser incentivado a utilizar-se de metodologias com esse objetivo, a fim de que ele possa construir uma visão total da educação, e saber que esta para fazer sentido jamais deve ser fragmentada. Deve ainda, ter conhecimento e ser incentivado a visitar os espaços de nossa cidade que pode lhe

podem agregar conhecimento e que no futuro lhe serão de importante valia ao ir com seus alunos.

Na formação para professor, ele precisa mais do que dominar o assunto que pretende lecionar, conhecer diferentes metodologias e linhas de ensino para que possa buscar qual o melhor para si e para seus alunos. Assim, a Lei Complementar 445/85 que institui o estatuto do magistério paulista, esclarece no inciso IV do artigo 61, sobre os direitos do professor que este deve:

Ter liberdade de escolha e de utilização de materiais, de procedimentos didáticos pedagógicos e de instrumentos de avaliação do processo de ensino aprendizagem, dentro dos princípios pedagógicos, objetivando alicerçar o respeito à pessoa humana e a construção do bem comum.

É fundamental conhecer a região onde vive, dessa maneira, a prática de visitas educativas pela cidade são importantes e devem fazer parte do compromisso de ser educador.

O papel do professor deve ser o de incentivar os alunos a construir o conhecimento da região onde vive, desde os limites territoriais até as características geográficas, econômicas e políticas, essas informações servirão para ele se localizar como cidadão e sempre servirão de base para qualquer estudo de espaços maiores, as chamadas macro-regiões. (SABER, 2001, p.56)

3.3 - Políticas que vão ao encontro da utilização do Turismo Educativo

Existe em alguns artigos de leis, menção a importância da utilização de ferramentas de ensino e aprendizagem que fuja do convencional e que não se restrinjam a serem usadas apenas no espaço da sala de aula. Assim sendo, para começar, a Lei 8.069/90 que institui o Estatuto da Criança e do Adolescente, em seu artigo 37 diz “o poder público estimulará pesquisas, experiências e novas propostas relativas a calendário, seriação, currículo, metodologia, didática e avaliação”. Ou seja, incentivo a novas metodologias.

Continuando, na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, de 20 de dezembro de 1996, LDBEN 9.394/96, é interessante apresentar alguns incisos do Artigo 3º, que tem em seu corpo os princípios que devem ser seguidos para ministrar o ensino, são eles:

II – liberdade de aprender, ensinar, pesquisar e divulgar a cultura, o pensamento e o saber;

III – pluralismo de idéias e de concepções pedagógicas;

X – valorização da experiência extra-escolar.

Ainda, segundo a LDB em seu Artigo 35º que apresenta as finalidades do Ensino Médio, é importante destacar dois incisos:

III - o aprimoramento do educando como pessoa humana, incluindo a formação ética e o desenvolvimento da autonomia intelectual e do pensamento crítico;

IV - a compreensão dos fundamentos científico-tecnológicos dos processos produtivos, relacionando a teoria com a prática, no ensino de cada disciplina.

O MEC não poderia ficar de fora, em seu documento intitulado Currículo Nacional do Ensino Médio (MEC, 2001), ele estabelece como competência essencial o estudo do meio, definindo-o como “um conjunto de fenômenos, acontecimentos, fatores e/ou processos de diversa índole que ocorrem no meio envolvente e no qual a vida e a ação das pessoas têm lugar e adquire significado”. Estudo do meio, como já foi dito no início desse trabalho é mais um termo utilizado para elucidar a idéia de roteiro educativo, dentro da perspectiva do Turismo Educativo.

Tendo em vista tais reflexões, em função da importância do Turismo Educativo, as considerações oriundas da Comissão Internacional sobre Educação para o século XXI, incorporadas nas determinações da Lei nº 9.394/96 também precisam ser aqui expostas:

- 1) a educação deve cumprir um triplo papel: econômico, científico e cultural;
- 2) a educação deve ser estruturada em quatro alicerces: aprender a conhecer, aprender a fazer, aprender a viver e aprender a ser.

De acordo com o item um, o currículo enquanto instrumentação da cidadania democrática deve contemplar conteúdos e estratégias de aprendizagem que capacitem o ser humano para a realização de atividades nos três domínios da ação humana: a vida em sociedade, a atividade produtiva e a experiência subjetiva, visando à integração de

homens e mulheres no tríplice universo das relações políticas, do trabalho e da simbolização subjetiva.

Na perspectiva do item dois, abaixo estão as quatro premissas apontadas pela UNESCO como eixos estruturais da educação na sociedade contemporânea:

- Aprender a conhecer - garante o aprender a aprender e constitui o passaporte para a educação permanente, na medida em que fornece as bases para continuar aprendendo ao longo da vida.

- Aprender a fazer - privilegia a aplicação da teoria na prática e enriquece a vivência da ciência na tecnologia e desta no social.

- Aprender a conviver - trata-se de aprender a viver juntos, desenvolvendo o conhecimento do outro e a percepção das interdependências.

- Aprender a ser – a educação deve estar comprometida com o desenvolvimento total da pessoa. Aqui supõe a preparação do indivíduo para elaborar pensamentos autônomos e críticos e para formular os seus próprios juízos de valor, de modo a poder decidir por si mesmo, frente às diferentes circunstâncias da vida.

Outro documento importante que apresenta a idéia de articular as diferentes disciplinas e buscar ferramentas de ensino e aprendizagem que vão de encontro à proposta apresentada por esse trabalho, são os PCN ou Parâmetros Curriculares Nacionais. No entanto, por merecerem melhor atenção, serão apresentados no item seguinte.

3.3.1 – PCN e Turismo Educativo

Os Parâmetros Curriculares Nacionais são documentos que foram elaborados por diversos educadores brasileiros sob orientação da Secretaria de Educação Fundamental do Ministério da Educação e do Desporto, com o duplo papel de difundir, a partir de 1998, os princípios da reforma curricular e orientar o professor, na busca de novas abordagens e metodologias. Eles são referências para todas as escolas, públicas ou privadas, e apresentam uma nova visão educacional que considera a importância do ensino não apenas dos conteúdos tradicionais, mas também de aspectos da ética e da cidadania, além de suscitar a necessidade da utilização de estratégias didáticas que vão de encontro a um aprendizado concreto.

Os PCN apontam que:

A aprendizagem de conteúdos de natureza conceituais, ou seja, aqueles que envolvem a abordagem de conceitos, fatos e princípios, devem se dar por aproximações sucessivas, o que significa que para aprender algum conceito o aluno precisa adquirir informações e vivenciar situações que enquadrem este conceito, podendo assim construir generalizações para posteriormente, através de experiências atingir conceituações mais abrangentes.

Eles pregam ainda que os alunos sejam capazes de conhecer as características fundamentais do Brasil nas dimensões sociais, materiais e culturais, como meio para construir progressivamente a noção de identidade nacional e pessoal e o sentimento de pertinência ao país.

Já foi mostrado, em outro momento nesse trabalho, que na educação formal de hoje, os conteúdos são apresentados de forma

fragmentada nos livros didáticos, não permitindo uma relação entre diferentes tópicos. Isso vem contra as propostas dos PCN, uma vez que o ensino não deveria ser fragmentado já que a realidade não é fragmentada.

Os PCN pregam pelo fim do ensino descontextualizado, compartimentalizado e baseado no acúmulo de informações. Ao contrário disso, busca dar significado ao conhecimento escolar, mediante a contextualização; evitar a compartimentalização, mediante a interdisciplinaridade; e incentivar o raciocínio e a capacidade de aprender.

Ainda de acordo com ele, as diversas disciplinas devem apresentar eixos temáticos, ou seja, a reorganização curricular deve ser feita em áreas de conhecimento. Na reforma curricular do Ensino Médio, por exemplo, foi estabelecida a divisão do conhecimento escolar em áreas: Linguagens, Códigos e suas Tecnologias; Ciências da Natureza, Matemática e suas Tecnologias, e Ciências Humanas e suas Tecnologias. Essa divisão teve como base a reunião de conhecimentos que compartilham objetos de estudo e, portanto, mais facilmente se comunicam, criando assim condições para que a prática escolar se desenvolva numa perspectiva de interdisciplinaridade. Segundo o PCN:

Na perspectiva escolar, a interdisciplinaridade não tem a pretensão de criar novas disciplinas ou saberes, mas de utilizar os conhecimentos de várias disciplinas para resolver um problema concreto ou compreender um determinado fenômeno sob diferentes pontos de vista. Em suma, a interdisciplinaridade tem uma função instrumental. Trata-se de recorrer a um saber diretamente útil e utilizável para responder às questões e aos problemas sociais contemporâneos. Ela deve ser compreendida a partir de uma abordagem relacional, em que se propõe que, por meio da prática escolar, sejam estabelecidas interconexões e passagens entre os conhecimentos através de relações de complementaridade, convergência ou divergência.

Além da divisão por áreas do conhecimento, os PCN defendem a criação de temas transversais, não específico a um ramo do conhecimento. Nos temas transversais a proposta é trabalhar conteúdos em diferentes contextos articulados com o conteúdo dos eixos temáticos. Para que essa articulação interdisciplinar ocorra, torna-se fundamental que a própria disciplina não seja fragmentada. A criação de temas transversais vai ao encontro da Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as Diretrizes e Bases da Educação Nacional, em seu título V, capítulo II, Seção I, Art. 26, quando diz que os currículos devem ter uma parte diversificada.

Os currículos do ensino fundamental e médio devem ter uma base nacional comum, a ser complementada, em cada sistema de ensino e estabelecimento escolar, por uma parte diversificada, exigida pelas características regionais e locais da sociedade, da cultura, da economia e da clientela.

Pelo que foi apresentado até agora nesse item do presente trabalho, percebe-se que nos PCN busca-se o tempo todo pela Interdisciplinaridade: “a interdisciplinaridade deve ir além da mera justaposição de disciplinas e, ao mesmo tempo, evitar a diluição delas em generalidades”. De acordo com a LDB, a prática da interdisciplinaridade e da contextualização, são princípios pedagógicos estruturadores do currículo para atender o que ela estabelece quanto às competências deste:

- vincular a educação ao mundo do trabalho e à prática social;
- compreender os significados;
- ser capaz de continuar aprendendo;
- preparar-se para o trabalho e o exercício da cidadania;

- ter autonomia intelectual e pensamento crítico;
- ter flexibilidade para adaptar-se a novas condições de ocupação;
- compreender os fundamentos científicos e tecnológicos dos processos produtivos;
- relacionar a teoria com a prática.

Pensando ainda na Interdisciplinaridade, na Resolução CEB nº 3, de 26 de junho de 1998, que Institui as Diretrizes Curriculares Nacionais para o Ensino Médio, é importante apresentar seu Art. 8º - Na observância da Interdisciplinaridade, as escolas terão presente que:

I - a Interdisciplinaridade, nas suas mais variadas formas, partirá do princípio de que todo conhecimento mantém um diálogo permanente com outros conhecimentos, que pode ser de questionamento, de negação, de complementação, de ampliação, de iluminação de aspectos não distinguidos;

II - o ensino deve ir além da descrição e procurar constituir nos alunos a capacidade de analisar, explicar, prever e intervir, objetivos que são mais facilmente alcançáveis se as disciplinas, integradas em áreas de conhecimento, puderem contribuir cada uma com sua especificidade, para o estudo comum de problemas concretos, ou para o desenvolvimento de projetos de investigação e/ou de ação;

III - as disciplinas escolares são recortes das áreas de conhecimentos que representam, carregam sempre um grau de arbitrariedade e não esgotam isoladamente a realidade dos fatos físicos e sociais, devendo buscar entre si interações que permitam aos alunos a compreensão mais ampla da realidade;

IV - a aprendizagem é decisiva para o desenvolvimento dos alunos, e por esta razão as disciplinas devem ser didaticamente solidárias para atingir esse objetivo, de modo que disciplinas diferentes estimulem competências comuns, e cada disciplina contribua para a constituição de diferentes capacidades, sendo indispensável buscar a complementaridade entre as disciplinas a fim de facilitar aos alunos um desenvolvimento intelectual, social e afetivo mais completo e integrado;

Assim, a parte diversificada pregada pelos PCN, e a busca pela interdisciplinaridade podem ser em parte supridas pela prática do Turismo Educativo como ferramenta de ensino e aprendizagem.

3.3.2 - A educação que buscamos ou educação do futuro: Idéia de Construtivismo

Continuando o tema e linha de raciocínio do item anterior desse trabalho, há que se mencionar que os PCN se baseiam na perspectiva Construtivista. É considerada uma atividade construtivista aquela na qual o indivíduo não é submetido apenas à absorção do que lhe é transmitido para que este conhecimento seja aplicado em avaliações, é uma atividade de reconhecimento da realidade através de si mesmo e da interação com o meio, permitindo a interpretação desta realidade e a construção de significados. Essa interação pode ser conseguida, como já foi mencionada outras vezes nesse trabalho, através da prática do Turismo Educativo, que por sua vez também vai de encontro com as propostas apresentadas pelo PCN.

O construtivismo nasceu, na primeira metade do século XX, da epistemologia de Jean Piaget, sociólogo soviético, e pressupõe transformação; é um movimento de mudança e, por isso, repleto de aberturas e possibilidades. (CALIGHER, 1998, p.12).

Por insinuar mudança de visão, o construtivismo busca considerar o conhecimento a partir da interação de dois diferentes elementos: o sujeito histórico e o objeto cultural. A leitura particular que cada indivíduo faz perante a atividade proposta para o aprendizado é de extrema importância na concepção construtivista, pois se trata de uma aprendizagem significativa, que se enquadra na facilidade de memorizar o conteúdo, na funcionalidade e na continuidade da aprendizagem. O Turismo Educativo é capaz de potencializar a disponibilidade do aluno

para a aprendizagem, elemento primordial para que esta seja significativa.

A aprendizagem é mais rápida e duradoura se for agradável e satisfatória em si mesma, e as melhores experiências educacionais assumem uma natureza lúdica. (Parker *apud* CUNHA, 2002, p.3)

E é justamente isso que propõe a educação moderna, baseada aqui na teoria construtivista, uma vez que exige novos cenários e novas experiências, visando uma formação integral do ser humano. Assim, mais uma vez o turismo educacional é uma das maneiras para se alcançar essa finalidade.

3.4 – Educação Formal e Educação Não Formal

Os termos Educação Formal e Educação Não Formal pensados de maneira bem crua e sintética significam, o primeiro àquela educação realizada dentro da escola, e o segundo àquela realizada fora da mesma. Essa diferença foi documentada na década de 1960 quando a UNESCO instituiu um documento nomeado de “A crise mundial da educação”, em que esta além de diferenciar os termos educação formal e não formal ainda distinguia outro termo conhecido por educação informal.

O que diferencia a educação não formal da informal é que na primeira existe a intencionalidade de dados sujeitos em criar ou buscar determinadas qualidades e/ou objetivos. A educação informal decorre de processos espontâneos ou naturais, ainda que seja carregada de valores e representações, como é o caso da educação familiar. Esta tem ainda um caráter permanente. (GOHN, 2008, p.100)

No Brasil, até os anos 80, a educação não formal foi um campo de menor importância tanto nas políticas públicas quanto entre os educadores. Todas as atenções sempre estiveram concentradas na educação formal, desenvolvida nos aparelhos escolares institucionalizados. A educação não formal era vista como uma extensão da educação formal, desenvolvida em espaços exteriores às unidades escolares. Isso passa a mudar em nosso país quando em 1990 foi realizada uma nova conferência pela ONU na Tailândia em que outros dois documentos que também tratavam do tema educação foram elaborados: “Declaração Mundial sobre educação para todos” e “Plano de ação para satisfazer necessidades básicas da aprendizagem”.

A partir da definição de necessidade básicas da aprendizagem, vistas como “ferramentas essenciais para aprendizagem” e de seus novos “conteúdos básicos”, abrangendo, além dos conteúdos teóricos e práticos, valores e atitudes para viver e sobreviver, e a desenvolver a capacidade humana, os documentos da conferência ampliam o campo da educação para outras dimensões além da escola. (GOHN, 2008, p.93)

Além dessas nomenclaturas associadas à educação, hoje em dia usam-se outras reconhecidas pela própria UNESCO, como por exemplo, educação permanente e educação ao longo da vida.

Assim, a fim de apresentar as principais características e distinguir os termos educação Formal e Não Formal serão apresentadas algumas definições, em especial da Prof.^a Maria da Glória Gohn.⁴ Resumidamente ela define os três principais tipos de educação como sendo: a educação formal como aquela que está presente no ensino escolar institucionalizado, cronologicamente gradual e hierarquicamente estruturado, sendo o professor o agente do processo de construção do saber. A informal como aquela na qual qualquer pessoa adquire e acumula conhecimentos através de experiência diária em casa, no trabalho e no lazer, sendo os pais, a família, os vizinhos, etc. nossos educadores. Enquanto que a educação não formal define-se como qualquer tentativa educacional organizada e sistemática que, normalmente, se realiza fora dos quadros do sistema formal de ensino, sendo o grande educador o outro, aquele com quem interagimos ou nos integramos.

⁴ Professora titular da Faculdade de Educação – UNICAMP. Doutora em Ciência Política pela Universidade de São Paulo (1983). Pós- doutoramento pela New School for Social Research, Nova York, EUA (1996). Pesquisadora I do CNPQ.

O presente trabalho discutirá apenas os termos Educação Formal e Educação Não Formal como sendo espaços em que o Turismo Pedagógico poderá ser aplicado, de modo a complementar uma educação ou outra.

A crise na educação na sociedade informacional não pode ser resolvida dentro das salas de aulas, nos moldes como estas se organizam e funcionam atualmente. As escolas teriam sido criadas em certo tempo histórico para simular a vida real futura dos alunos em organizações do tipo fábricas, e hoje são um sistema que adota um regime obsoleto de ensino-aprendizagem. Muitas coisas devem acontecer fora das salas de aula e devem ser incluídas no planejamento do processo de aprendizagem dos alunos para que de fato as crianças sejam preparadas para o século XXI. (Toffler, *apud* GOHN, 2008, p.67)

No livro *Educação Não-Formal e Cultura Política (2008)*, Gohn apresenta os seis campos ou dimensões de abrangência da Educação Não Formal. O primeiro envolve a aprendizagem política dos direitos dos indivíduos enquanto cidadãos, isto é o processo que gera a conscientização dos indivíduos para a compreensão de seus interesses e do meio social e da natureza que os cerca, por meio da participação em atividades grupais. O segundo, a capacitação dos indivíduos para o trabalho, por meio da aprendizagem de habilidades e/ou desenvolvimento de potencialidades. O terceiro, a aprendizagem e exercício de práticas que capacitam os indivíduos a se organizarem com objetivos comunitários, voltados para a solução de problemas coletivos cotidianos, a educação para a civilidade. O quarto é a aprendizagem dos conteúdos da escolarização formal, escolar, em formas e espaços diferenciados, em que existe a preocupação de se transmitir os mesmos conteúdos da escola formal, de se repassar o acervo de conhecimentos historicamente acumulados pela humanidade. Entretanto, esse repasse é desenvolvido em espaços alternativos e com metodologias e seqüências

cronológicas diferenciadas, com conteúdos curriculares flexíveis, adaptados segundo a realidade da clientela a ser atendida. O quinto é a educação desenvolvida na e pela mídia, em especial a eletrônica. Finalmente, deve-se registrar ainda o campo da educação para a vida ou para a arte de viver bem, como cursos de autoconhecimento, meditação, etc. Sendo assim, o presente trabalho se preocupará com a quarta área de abrangência apresentada acima.

Concordamos com Touraine quando fala da necessidade de se desenvolver uma nova cultura escolar que forneça aos alunos instrumentos para que saibam interpretar o mundo.

É preciso agregar ao ensino formal, ministrado nas escolas, conteúdos da educação não formal, como os conhecimentos relativos às motivações, à situação social, à origem cultural dos alunos, etc. (GOHN, 2008, p.14-15)

3.4.1- Turismo Educativo como ferramenta de Educação Não Formal aliada a Educação Formal

O trabalho defende que a educação não deve se restringir a sala de aula, muito menos ser passiva como ainda é em muitos locais, uma vez que ela só existe, só faz sentido, se o conhecimento for produzido ou construído.

A educação não formal capacita os indivíduos a se tornarem cidadãos do mundo, no mundo. Sua finalidade é abrir janelas de conhecimento sobre o mundo que circunda os indivíduos e suas relações sociais. Seus objetivos não são dados a priori, eles se constroem no processo interativo, gerando um processo educativo. (GOHN, 2006, p.3)

A prática do Turismo Educativo, como prática social, a partir de visitas a espaços culturais e educativos na cidade de São Paulo pode ser uma grande aliada ao processo da educação.

A educação não formal tem um caráter coletivo, passa por um processo de ação de um grupo, é vivida como práxis concreta em conjunto, nas práticas sociais, ainda que o resultado do que se aprende seja absorvido individualmente. (GOHN, 2008, p.104)

Pesquisas junto ao público docente apontam que os espaços fora do ambiente escolar, mais comumente conhecidos como não formais, são percebidos como recursos pedagógicos complementares às carências da escola, como, por exemplo, a falta de laboratório, que dificulta a possibilidade de ver, tocar e aprender fazendo.

Pensando na abrangência, as formas como a educação não formal podem ser difundidas são diversas. O professor Teixeira Coelho, da Escola de Comunicações e Artes (ECA) da USP, acredita no lazer e na

cultura como instrumentos difusores. “A moderna pedagogia diz, exatamente, que o formato do lazer é o mais adequado para a transmissão do conhecimento”, informa o professor. “É ele que cria ou oferece condições para que apareça a pergunta, a vontade de saber”. Sobre o potencial educativo da cultura, o especialista afirma que o que é interiorizado por meio dela “cria raízes e não desaparece, enquanto o conhecimento formalista utilitário tende a desaparecer quando não é mais necessário”. Faz-se necessário lembrar que o Turismo Pedagógico enquanto prática abrange tanto o lazer quanto a cultura⁵.

O Turismo Educativo pode favorecer ainda os laços de pertencimento e ajudar na construção de identidades, pois a partir do momento em que você conhece melhor sua cidade e seus espaços, respeita-a mais, identifica-se melhor com a história no momento em que percebe que faz parte dela e cuida melhor do que é seu. De maneira geral ajuda no processo de formação de cidadãos.

Os projetos de educação não formal têm um grande potencial formativo. Possibilitam mudanças nos sistemas de conhecimento e valores das pessoas, criando espaços de encontro que permitem ir além dos próprios limites, com o reconhecimento e a valorização dos aprendizados gerados na experiência, e contribuem para tornar mais complexa a interpretação da realidade e para enquadrar a vida e a experiência em contextos mais amplos. (CENDALES; MARIÑO, 2006, p.16)

Com esse capítulo foi proposto uma articulação da educação formal com a não formal para dar vida e viabilizar mudanças significativas na educação e na sociedade como um todo. Segundo a doutora em educação Margareth Brandini Park, embora seja difícil

⁵ Uma das melhores definições de cultura que conhecemos é a elaborada por R. Benedict: “Cultura é como a lente através da qual o homem vê o mundo”. (GOHN, 2008, p.36)

estabelecer um diálogo com as instituições formais de ensino, é essencial a tentativa.

A escola se ressentir dos ambientes mais livres, da disciplina mais solta, do prazer envolvido em tais atividades, o que é uma pena. Pois temos visto em estudos que ambos os espaços ganham em qualidade e pertinência quando há diálogo entre as propostas educativas. Não devemos estimular a competição entre ambos os espaços, cada qual deve ter sua função e realizá-la com qualidade.⁶

⁶ Fala da professora da Unicamp, em palestra sobre Educação Não Formal, em Estande do SESC-SP na Bienal do Livro de 2008 em São Paulo.

3.4.2 - Turismo Educativo na Educação Formal - Projeto Lugares de se Aprender: A escola sai da escola

O Projeto Lugares de se Aprender: A escola sai da escola, faz parte do Programa Cultura é Currículo, criado em 2008 pela Secretaria de Estado da Educação. O conceito que fundamenta o Programa é a inserção da visita à instituição cultural no currículo de cada grupo-classe a partir de projetos que têm temáticas sugeridas, assim:

O Programa Cultura é Currículo oferece a oportunidade de aprofundar certos eixos temáticos por meio das visitas/expedições (não se trata de uma excursão em que o passeio e o entretenimento são os fatores principais, mas de uma expedição conectada com um objetivo comum – algo a investigar, a estudar). Neste programa, ou em qualquer oportunidade de saída da escola, será sempre importante nos perguntarmos:

*Como a visita/expedição se relaciona com os conteúdos do currículo?

*Ela pode gerar novos modos de perceber e interpretar os conceitos e suas relações, a serem trabalhados posteriormente?

*O interesse já foi despertado pela mídia ou os alunos pouco ou nada sabem sobre a instituição cultural e seu acervo?

*Como ampliar a potencialidade da visita valorizando o patrimônio cultural?

*A partir da visita, poderemos trabalhar aspectos que não seriam tocados sem a observação mais sensível? (BRASIL, 2008, p.32)⁷

Esse Programa é formado por três Projetos: Lugares de Aprender: A escola sai da escola; O cinema vai à escola, e Escola em Cena, todos

⁷ Texto *Achadouros: econtros com a vida*, de Miriam Celeste Martins.

mantidos pela Fundação para o Desenvolvimento da Educação. Segundo a Secretaria Estadual de Educação essa Fundação, criada em 1987:

É responsável por viabilizar a execução das políticas educacionais definidas pela Secretaria da Educação do Estado de São Paulo, implantando e gerindo programas, projetos e ações destinadas a garantir o bom funcionamento, o crescimento e o aprimoramento da rede pública estadual de ensino. A Fundação põe em prática também uma série de iniciativas voltadas ao desenvolvimento de ações que possibilitem a integração da comunidade escolar à sociedade que a envolve.⁸

Ao verificar a citação acima e pensando no Projeto Lugares de Aprender: A escola sai da Escola, verifica-se que este vai de encontro ao que propõe a Fundação no momento em que se preocupa em colocar em prática, ações que possibilitem a integração da comunidade escolar à sociedade que a envolve, pois através de roteiros temáticos e educativos, dentro de uma proposta de atividade de Turismo Pedagógico, coloca a comunidade escolar, em especial professores e alunos, em contato com lugares como espaços culturais, parques ou museus em que além de adquirir conhecimento, e mais que isso construí-lo, de maneira a atender o currículo do curso, contribui para que a comunidade escolar coloque em prática seu lado cidadão, despertando um sentimento de pertencimento no momento em que conhecem a cidade em que vivem um pouco mais.

Ainda segundo a Secretaria Estadual de Educação:

O Estado de São Paulo, em especial sua capital, oferece uma infinidade de opções culturais à população. Contudo, grande parte dos alunos da escola pública não tem acesso a elas e, muitas vezes, até desconhecem sua existência. Por ser a cultura parte do patrimônio das sociedades, é função da

⁸ Informações contidas no site da Secretaria de Educação do Estado de São Paulo.

escola fazer com que seus alunos reconheçam esses locais, como também que a eles tenham acesso. Dessa forma, tendo em vista uma formação plural, este projeto oferece oportunidades para que alunos e professores da rede pública usufruam os equipamentos culturais disponíveis na cidade de São Paulo.⁹

Para que a realização desses roteiros tenha um viés educativo e não se restrinja a um momento de lazer, a Secretaria criou manuais, denominados Subsídios para Desenvolvimento de Projetos Didáticos, que servem de apoio e facilitador, pois apresentam orientações pedagógicas ao professor, a fim de ligar parte do conteúdo programático, visto em sala de aula, a ser desenvolvido pelos alunos *in loco*, ou seja, no momento do roteiro.

Assim, é objetivo também do projeto:

Oferecer textos e orientações aos educadores, sugerindo novas formas e possibilidades de desenvolvimento dos conteúdos curriculares, por meio de projetos didáticos nos quais a visita a instituições e espaços de cultura está articulada a outras atividades de aprendizagem.¹⁰

De maneira geral, o projeto tem como objetivos: dinamizar o trabalho docente, ampliar e aprofundar a aprendizagem dos alunos pela apropriação de conteúdos de disciplinas, ampliar o universo cultural de alunos e professores, contribuir para a valorização do patrimônio cultural da cidade, assim como a compreensão e respeito às diferenças culturais de grupos e povos, além claro, de despertar o interesse de alunos e professores pela apropriação de bens culturais. Pensando na atividade

^{9 9} Informações contidas no site da Secretaria de Educação do Estado de São Paulo.

turística, essa praticada de maneira responsável aliada ao conhecimento, como é a proposta do Turismo Educativo, esses objetivos vão totalmente de encontro uns com os outros, podendo claramente afirmar que esse Projeto é um exemplo de prática desse tipo Turismo.

O Projeto iniciado em 2008, desde seu início, teve muitas instituições participantes, sendo essas, de maneira geral, museus e centros culturais que por terem um rico acervo cultural, puderam e podem ser utilizados para estudo e construção de conhecimento de diferentes ciências, sendo elas biológicas (Biologia ou Química), humanas (História e Geografia) ou Exatas (Matemática e Física), assim como áreas afins ou que se misturam como é o caso do Meio Ambiente, Ética e Cidadania, centradas em eixos temáticos presentes na proposta curricular das séries, de algumas disciplinas.

É hora dos museus abandonarem seu comportamento sacralizado e assumirem sua parceria com escolas, porque somente as escolas podem dar aos alunos de classe pobre a ocasião e auto-segurança para entrar em um museu. Os museus são lugares para a educação concreta sobre a herança cultural que deveria pertencer a todos, não somente a uma classe econômica e social privilegiada. Os museus são lugares ideais para o contato com padrões de avaliação de arte através da sua história, que prepara um consumidor de arte crítico não só para a arte de ontem e de hoje, mas também para as manifestações artísticas do futuro. (Ana Mae Barbosa *apud* BRASIL, 2008, p.46)¹¹

De acordo com a Secretaria de Estado da Educação o projeto foi dividido e visa atender a cinco segmentos da escolaridade básica, cada um com seu respectivo eixo temático, para tanto a escolha do roteiro

¹¹ BARBOSA, Ana Mae. *Tópicos utópicos*. Belo Horizonte: C/Arte, 1998, p.19.

educativo oferecido a determinada classe vai de encontro a este, sendo eles:

- 1ª e 2ª séries do Ensino Fundamental – Os seres vivos diante das estrelas;
- 3ª e 4ª séries do Ensino Fundamental – Heranças Culturais;
- 5ª e 6ª séries do Ensino Fundamental – Espaços, Tempos e Obras;
- 7ª e 8ª séries do Ensino Fundamental – Patrimônio, Expressões e Produções;
- 1ª e 2ª séries do Ensino Médio – Séculos, Contextos e Transformações

Pensando nas instituições que aderiram ao projeto, abaixo estão às participantes até o presente momento, que podem ser utilizadas por qualquer instituição de ensino quando forem praticar atividades de Turismo Educativo, sendo estes exemplos de locais na cidade de São Paulo em que a visita pode ter viés educativo.

- Capela do Morumbi
- Casa das Rosas
- Casa do Bandeirante
- Casa Modernista
- Catavento
- Centro Cultural Banco do Brasil – CCBB

- Centro da Cultura Judaica
- Centro Universitário Maria Antonia – CEUMA
- Cinemateca Brasileira
- Estação Ciência
- Fundação Cultural Ema Gordon Klabin
- Fundação Maria Luiza e Oscar Americano
- Horto Florestal
- Instituto Butantan
- Instituto Moreira Salles – IMS
- Instituto Tomie Ohtake
- ITAU Cultural
- Memorial da América Latina
- Memorial da Resistência
- Memorial do Imigrante
- Monumento Independência /Capela Imperial /Casa do Grito
- Museu Afro Brasil
- Museu Brasileiro de Escultura - MUBE
- Museu da Casa Brasileira – MCB
- Museu da Energia São Paulo

- Museu da Imagem e do Som – MIS
- Museu da Língua Portuguesa
- Museu de Arte Moderna de São Paulo – MAM
- Museu de Arte Sacra de São Paulo
- Museu do Futebol
- Museu dos Transportes Públicos Gaetano Ferolla
- Museu Lasar Segall – MLS
- Museu Paulista – MASP
- Paço das Artes
- Palácio dos Bandeirantes
- Parque Ecológico do Tietê
- Pinacoteca do Estado
- Planetário (Ibirapuera) Prof. Aristóteles Orsini
- Unidades do SESC - Serviço Social do Comércio
- Viveiro Arthur Etzel - Viveiro do Carmo
- Viveiro Manequinho Lopes
- Zoológico de São Paulo

Através de dados e informações da própria Secretaria de Estado da Educação, em 2008, 160 mil alunos visitaram pelo menos uma dessas

instituições, sendo que grande parte desses jovens teve seu primeiro contato com essas formas de cultura e espaços graças ao projeto.

3.4.3 – Exemplo de Aplicabilidade

Por fim, será apresentado abaixo um dos locais na cidade de São Paulo, a fim de ilustrar os diferentes espaços que nele poderão ser aproveitados numa visita educativa, como prática de uma atividade de Turismo Educativo, e quais conteúdos curriculares de diferentes disciplinas que podem ser trabalhados em conjunto, para reforçar de maneira interdisciplinar e ao mesmo tempo não formal o que foi estudado em sala de aula de uma instituição qualquer de educação formal.

O local escolhido foi o Parque Estadual Alberto Lofgren, popularmente conhecido como Horto Florestal, mantido pelo Instituto Florestal vinculado a Secretaria Estadual do Meio Ambiente, localizado na zona norte da cidade.

No parque pode ser construído conhecimento observando-se sua Flora, Fauna, Clima, dentre outros aspectos. Percebe-se na visita que existe uma super população de Capivaras e Cágados, o que pode justificar-se devido a um desequilíbrio da Cadeia Alimentar dos animais ali presentes, ou ao fato da não existência de predadores naturais. Além disso, o excesso de capivaras pode facilitar a transmissão de doenças, pela presença de grande quantidade de carrapatos, o que pode ser observado através da existência de sinalização no parque, informando aos freqüentadores para não ficarem na grama.

Pode se também observar a qualidade da água dos lagos, elas estão poluídas? A existência de bicas naturais é sugestiva para reforçar, in

loco, com os estudantes o ciclo da água, desde a passagem de sua forma líquida para a gasosa. Verificar a coloração dos líquens indicará aos alunos a qualidade do ar daquele local, entendendo que o parque está próximo a uma grande área verde, que é a Serra da Cantareira, e qual sua importância hoje e no passado para nossa cidade, em relação ao abastecimento da água da cidade, por exemplo.

Visitar a Marcação do local onde passa a linha imaginária do Trópico de Capricórnio será muito interessante. Pode-se questionar aos alunos o que essa linha significa e qual a sua relação com o clima. Partindo do micro (Horto), para o Macro (Brasil), verifica-se em que zona de clima nosso país se encontra.

Pode-se ainda visitar o Palácio de Verão do Governador, com seus móveis antigos e obras de arte, analisando-as e qualificando-as, de acordo com seu gênero, ou seja, se são obras renascentistas, modernas, cubistas, etc. Interessante pensar nesse momento quem é o atual governador do Estado de São Paulo, qual seu papel político, qual o nosso papel político, objetivando construir valores de cidadania entre os estudantes.

Será interessante observar o entorno e chamar a atenção para a motivação dos visitantes e frequentadores que ali estão. Como, por exemplo, as pessoas que estão se exercitando, através de caminhada ou corrida, valorizando junto aos alunos a importância da prática no dia a dia de alguma atividade física esportiva.

Acreditamos que desse parque, pode-se aproveitar muitos outros assuntos a serem discutidos com alunos, a fim de reforçar o que foi visto

em sala de aula. Outros olhares apontariam diferentes temas, e é isso a melhor parte. Da mesma forma que docentes terão visões diferentes os alunos também, sendo que dessas diferenças e constatações é que eles, alunos e professores, poderiam construir juntos, o conhecimento pela observação e vivência através da participação de numa atividade de Turismo Pedagógico.

Considerações Finais

Este trabalho apresentou de diferentes maneiras o quanto a participação numa atividade de Turismo Educativo pode ser eficaz como ferramenta de ensino e aprendizagem, além de incentivar e favorecer o conhecimento da cidade pelos seus próprios moradores. Para tanto, buscou informar pontos na legislação que defendem a utilização de diferentes metodologias de ensino, assim como apresentar a importância da participação em atividades extraclasse. Foi dada especial atenção aos PCN mostrando que muito do que os parâmetros defendem vão de encontro à proposta do trabalho apresentado.

Recorreu-se às raízes do Turismo para mostrar que sua prática começou com objetivos educacionais, facilitando assim a percepção de quem o lê de ver a relação direta que existe entre turismo e educação. Para tanto se buscou explicar, por exemplo, o que é o Turismo Educativo através de definições, principais características, objetivos e fases para realizações dos roteiros. Historicamente, preocupou-se em apresentar o educador francês Celéstin Freinet e sua chamada aula passeio, que muito se assemelha com as atividades de Turismo Educativo.

Procurou-se diferenciar a educação formal da não formal num primeiro momento, para num segundo mostrar que ambas podem viver harmonicamente juntas de maneira a se mesclarem, em especial, quando se utilizando do Turismo Educativo como ferramenta de ensino e aprendizagem.

A idéia de Interdisciplinaridade teve seu espaço garantido, pois sem ela, defender o uso dessa ferramenta de ensino e aprendizagem que é o Turismo não faz sentido. Assim, mostrou-se também que o atual modelo educacional está ultrapassado e que se faz necessário e de forma urgente buscar na educação justamente a união e relação entre as ciências, abolindo a fragmentação dessas em disciplinas, inclusive a prática construtiva do conhecimento.

Foi defendido um aumento na utilização do turismo como atividade educativa de maneira a abranger os diferentes níveis de educação, ou seja, desde a básica até a superior e em todos os momentos de nossa vida, podendo alcançar com ela inclusive uma educação permanente. No caso do nível superior e formação de professores, a participação em roteiros educativos pela cidade de São Paulo com objetivos educacionais assemelha-se as ditas visitas técnicas ou atividades de estudo do meio.

Para elucidar práticas de atividades que se assemelham a proposta do trabalho apresentado, foram dadas informações referentes a um dos Projetos do Programa Cultura é Currículo da Secretaria Estadual de Educação do Governo de São Paulo, Lugares de se aprender: A escola sai da escola. Os pontos de visitação da cidade utilizados no projeto foram apontados, inclusive como lugares que podem e devem ser utilizados nos roteiros de atividade de Turismo Educativo.

Para finalizar, foi escolhido um dos locais de visitação educativa da cidade, no caso o Parque Estadual Alberto Lofgren, popularmente conhecido como Horto Florestal, em que foram exemplificados conteúdos programáticos de diferentes áreas, as ditas disciplinas, que

poderiam ser trabalhados de maneira conjunta, ou seja, de forma interdisciplinar, além de favorecerem a construção do conhecimento e não o acúmulo de informações.

Com esse trabalho foi possível mostrar o quanto é importante a busca pela prática cada vez mais constante de atividades de Turismo Educativo, acreditando que tenha sido despertando nos educadores a vontade e interesse de recorrer a diferentes ferramentas de ensino e aprendizagem que busquem a união das disciplinas e a construção do conhecimento de maneira natural e agradável. Assim como incentivar a continuação de estudos e pesquisas na área do Turismo Educativo, o tornando cada vez mais praticado e acessível.

Referências

ALEXANDRE, Lilian Maria de Mesquita; ANDRÉ, Cleonice Wanderley. **Turismo Pedagógico: a excursão como ferramenta integradora do processo ensino-aprendizagem.** Artigo, 2009.

ANSARAH, Marília G. dos Reis. **Formação e capacitação do profissional em turismo e hotelaria: reflexões e cadastro das instituições educacionais do Brasil.** São Paulo: Aleph, 2002.

BENI, Mário Carlos. **Análise Estrutural do Turismo.** 9ª ed. São Paulo: SENAC, 2003.

BRANDÃO, Indira Toscano; ALDRIGUE, Natália de Sousa. **Turismo e Educação: dois alicerces indispensáveis.** Paraíba: Universidade Federal da Paraíba, 2008.

BRASIL. **Currículo Nacional do Ensino Básico – competências essenciais.** Brasília: Ministério da Educação, 2001.

BRASIL. **Lei Federal nº8.069/90 – Dispõe sobre o Estatuto da Criança e do Adolescente – ECA.** Brasília: Ministério da Educação.

BRASIL. **Lei Federal nº9.394/96 - Estabelece as Diretrizes e Bases da Educação Nacional.** Brasília: Ministério da Educação.

BRASIL. **Parâmetros Curriculares Nacionais (Ensino Médio).** Brasília: Ministério da Educação, 2000.

BRASIL. **Turismo cultural: orientações básicas.** Brasília: Ministério do Turismo, 2008.

CALIGHER, Sandra Bianca. **Turismo Pedagógico**. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Turismo) – Faculdade Ibero-Americana, São Paulo, 1998.

CASTRO, Francisco. Turismo Pedagógico: uma configuração do estudo do meio como ferramenta fomentadora do currículo escolar. **Estudos Turísticos – ETUR, Ed.19**, 2006.

CENDALES, Lola; GÉRMAN, Mariño. **Educação Não-formal e Educação popular – Para uma pedagogia do diálogo cultural**. São Paulo: Loyola, 2006.

CUNHA, M. C. S. et al. **Turismo educacional: que viagem é essa?** Trabalho acadêmico – Curso de Turismo, Centro Universitário Ibero-Americano, São Paulo, 2002.

DENCKER, Ada de F. Maneti. **Pesquisa e interdisciplinaridade no ensino superior: uma experiência no curso de turismo**. São Paulo: Aleph, 2002.

FAZENDA, Ivani. **Interdisciplinaridade – Um projeto em parceria**. 5. ed. São Paulo: Loyola, 2002. (1991). V.13 Coleção Educar.

_____. **Integração e Interdisciplinaridade no ensino brasileiro – efetividade ou ideologia**. 5ª ed. São Paulo: Loyola, 2002.

GOHN, Maria da Glória. **Educação Não-Formal e Cultura Política**. 4ª ed. São Paulo: Cortez, 2008.

_____. **Educação Não Formal, participação da sociedade civil e estruturas colegiadas nas escolas**. Ensaio: Educ, Rio de Janeiro, v.14, n.50, p. 27-38, jan./mar. 2006.

SÃO PAULO. **Horizontes Culturais – Lugares de Aprender**. São Paulo: Secretaria de Educação do Governo do Estado, 2008.

SÃO PAULO. **L.C. n°444/85 – Dispõe sobre o Estatuto do Magistério Paulista. Art.61**. São Paulo: Secretaria de Educação.

MORIN, Edgar. **Os sete saberes necessários à Educação do Futuro**. 8ª ed. São Paulo: Cortez, 2003.

PECCATIELLO, Ana Flávia. **Turismo Pedagógico como uma estratégia de ensino-aprendizagem sob a óptica dos parâmetros curriculares nacionais – 3º e 4º ciclos do ensino fundamental**. Juiz de Fora, MG: Universidade Federal de Juiz de Fora, 2009.

PELIZZER, Hilário Ângelo. **Turismo e Educação – um processo informal de ensino e aprendizagem**. São Paulo: Manole, 2003.

PIRES, Mário Jorge. **Lazer e turismo cultural**. 2ª ed. Barueri, SP: Manole, 2002.

PIZA, Domingos de Toledo. Estudo do Meio como processo pedagógico. **Turismo em Análise**. São Paulo: ECA-USP, v.3, n1, pg.72, Maio/92.

RAYKIL, Eladyr & Cristiano. Turismo Pedagógico: uma interface diferencial no processo de ensino-aprendizagem. **Global Tourism – Turismo e Educação**, 2005.

SABER, Aziz Ab'. Estudar o bairro para mudar o planeta. **Nova Escola**, ed. 139, n°148, p.56-57, 2001.

TRINDADE, Diamantino Fernandes. Interdisciplinaridade: Um novo olhar sobre as Ciências. **Sinergia**, Centro Federal de Educação Tecnológica de São Paulo, 2007.

VIEIRA, Valéria; BIANCONI, M. Lucia; DIAS, Monique. Espaços não-formais de ensino e o currículo de ciências. **Ciência e Cultura**, vol.57 no 4. São Paulo Out/Dez, 2005.

VINHA, Maria Lúcia. O Turismo Pedagógico e a possibilidade de ampliação de olhares. **Hórus – Revista de Humanidades e Ciências Sociais Aplicadas**, Ourinhos/SP, Nº 03, 2005.

Artigo. A revista que fica em **Negrito**, ver nome das revistas.

Nas Leis - Brasil

Anexos

Estão em anexo os seguintes documentos, respectivamente:

- Folder do Projeto Lugares de Aprender: A escola sai da escola;
- Ficha de encaminhamento as pais para participação no projeto;
- Termo de Adesão e Compromisso de responsabilidade da escola.